

## Ludwig Wittgenstein: linguagem ordinária e cultura

**Bortolo Valle**

Professor Dr. Bortolo Valle. Professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Professor Titular do Centro Universitário Curitiba – UNICURITIBA e da Faculdade Vicentina de Filosofia – FAVI.

[bortolo.valle@pucpr.br](mailto:bortolo.valle@pucpr.br)

---

### Resumo

Os escritos tardios de Ludwig Wittgenstein, mais especificamente as Investigações Filosóficas estão nucleadas pela concepção de linguagem ordinária, pela noção de jogos de linguagem e seguimento de uma regra, bem como pelo conceito de formas de vida. O principal objetivo é redefinir a identidade da Teoria do Significado que o autor havia desenvolvido na obra de sua juventude, ou seja, no *Tractatus Lógico Philosophicus*. Tais conceitos estruturados permitem situar o filósofo vienense como dispensador de uma atenção especial aos problemas da linguagem ordinária. Nesta reflexão procuramos mostrar de que modo é possível, a partir do cotidiano, estabelecer uma perspectiva para olhar o fazer cultural do homem nestes nossos tempos.

**Palavras-chave:** Ludwig Wittgenstein. Jogos de linguagem. Formas de vida. Linguagem ordinária. Cultura. Filosofia da cultura.

### *Ludwig Wittgenstein: ordinary language and culture*

#### *Abstract*

*Ludwig Wittgenstein's late writings, specifically Philosophical Investigations, are centered by the conceiving of an ordinary language, the idea of language games and the sequence of a rule, as well as by the concept of the forms of life. The main goal is redefining the identity of the Theory of Significance, which the author had developed in his works at youth, that is, on Tractatus Lógico Philosophicus. Such organized concepts allow the Viennese philosopher placement as the one who gives special attention to the problems of culture. Upon this reflection, by assuming such realities, we try to show the way it can be possible to settle a perspective from observing the cultural deed of man in our present times.*

**Keywords:** *Ludwig Wittgenstein. Language games. Forms of life. Ordinary language. Culture. Philosophy of culture.*

## Introdução

Pensar a cultura nestes tempos de transição, nestas sociedades intervalares<sup>1</sup> requer considerar, necessariamente, o arcabouço de uma *Teoria do Significado* produzida pelo conjunto das contribuições geradas por uma *Teoria do Conhecimento* que se fez presente a partir daquilo que se convencionou denominar desde o final do século XIX de “giro linguístico”

Sob os direcionamentos de tal perspectiva, se pode contrapor a experiência de uma cultura com elementos oportunizados por uma tradição que teve início com Descartes, que foi tipificada por Kant e, de alguma forma, foi retrabalhada pela contribuição de filósofos como E. Mach e Bertrand Russell, experiência que manteve proximidade com elementos surgidos do empirismo, do racionalismo, do positivismo, e igualmente, daquilo que podemos identificar como a “Sociedade” dos mercados econômicos e do liberalismo político inerente a um cosmopolitismo que ora dá sinais de extinção; com aquela formulada desde uma visão que pode ser referida como sendo sua “contra imagem orgânica” que procura realçar o todo, o sistema, a conexão, a peculiaridade, as especificidades culturais, favorecendo o que consideramos especificamente uma “Comunidade”, ou seja, as raízes, os grupos distintos e acolhedores.

Ambas comportam a possibilidade de se derivar categorias culturais nascidas do intercâmbio entre uma Teoria da Significação e uma Teoria do Conhecimento o que equivaleria a perguntar sobre que coisas têm significado no mundo e quais destas podem ser verdadeiras ou falsas. Admitimos ser possível, assim, uma comparação entre os elementos de uma Teoria do Significado e aqueles de uma Teoria do Conhecimento para se realizar o que gostaríamos de considerar como um olhar em perspectiva sobre a Cultura.

No século XX, é forçoso reconhecer o papel desempenhado pelo trabalho filosófico de Ludwig Wittgenstein. Conseguimos reconhecer sua decisiva contribuição quando da elaboração de uma Teoria do Significado conforme expressa na sua primeira e mais conhecida obra o *Tractatus Lógico-Philosophicus*, bem como, a revisão elaborada desta

---

<sup>1</sup> A caracterização é do professor Boaventura de Sousa Santos em sua obra: *A crítica da razão indolente – contra o desperdício da experiência*.

mesma teoria por ocasião da reunião de seus escritos tardios que culminaram no livro *Investigações Filosóficas*. Embora não seja evidente a afirmação de que o modo de significação presente nas *Investigações* tenha procedido a uma superação qualitativa do modo apresentado no *Tractatus*, é inevitável reconhecer que as consequências acabam por determinar diferentes rumos quanto a sua possível aplicação na análise de categorias para pensar a cultura.

Nesta reflexão, pretendemos nos debruçar sobre as noções de linguagem ordinária, jogos de linguagem, seguimento de uma regra e sobre aquela de formas de vida conforme foram dispostas pelo filósofo nas *Investigações Filosóficas* a fim de indicar uma maneira pela qual é possível refletir os aspectos da vida cultural em nossa sociedade. Sociedade que carrega em seu seio as marcas do embate entre um modelo reconhecidamente em fase final e um que ainda não tem seus traços definidos ou, para ilustrar, sociedade que realça as antinomias entre o modelo de uma experiência marcadamente moderna, calcada sobre os ideais de um iluminismo definido pela autonomia da razão universalista a banir as particularidades, e aquele de uma espécie de iluminismo repensado sobre a égide da identidade do que é singular, do que é próximo, do que é elaborado pelo sinal de pertença e afinidade de cada grupo em sua singularidade.

### **Wittgenstein e algumas reflexões sobre a cultura**

Wittgenstein não elaborou **stricto-sensu** uma filosofia da cultura, não pelo menos no sentido de uma reflexão que busca, em um tempo, compreender a cultura enquanto uma realidade em oposição à natureza, ou em outro, como algo a caracterizar as disposições para o desenvolvimento das faculdades inatas do homem mediante o estudo e a elaboração do mundo das letras, das artes, da ciência, da observação ou reflexão, ou ainda, no sentido de uma disposição sobre o conjunto dos aspectos intelectuais, morais e materiais dos sistemas de valor e dos modos de vida que caracterizam uma civilização.

Não obstante, é possível afirmar que o filósofo potencializou em sua vida e por meio de sua obra, um conjunto de expectativas disseminadas pela ampla e complexa força das atividades culturais de seu tempo na medida em que aquelas estão impregnadas de rupturas estimuladas pelos valores e pelo espírito que a civilização

recente impôs à tradição. A crítica de Wittgenstein aos valores e ao espírito de seu tempo, modularam insistentes interrogações que conduziram ao coração de sua filosofia, centro identificado por um característico substrato ético com reflexos profundos no fazer cultural.

Vida e obra de Wittgenstein compõem um itinerário de clareza paradoxal, expressam uma **Klarheit** dramática<sup>2</sup>, resultado de uma experiência que oscila entre o desejo de uma utopia a inaugurar um tempo de segurança – mais do que isso, de liberdade – e uma espécie de fascínio pela decadência, ambiente com traços apocalípticos, produtores dos acontecimentos que culminaram nas primeira e segunda guerra mundiais. Foi nessa ambiguidade da vida cultural vienense, época “*sortie des ses gondes*”<sup>3</sup>, como a identifica K. Kraus, que Wittgenstein recolheu o material para compor sua primeira obra: o *Tractatus Lógico-Philosophicus*. Nela o autor se lança na única tarefa suportável e justificada, qual seja, a busca de clareza para o pensamento e consequentemente a clareza para o mundo. Clareza que nasce da paz conquistada quando os problemas foram dissolvidos pelo trabalho sobre a linguagem. O *Tractatus* é uma espécie de síntese que quer dar por resolvidas as questões pertinentes à vida e ao mundo, conforme convicção registrada pelo autor em seus *Diários*: “Poder-se-ia dizer também que aquele que atinge a finalidade da existência, não tem necessidade de outra finalidade para além da vida. Isto é, aquele que está em paz”<sup>4</sup>

Não menos fascinante é o ambiente produtor das *Investigações Filosóficas*, sua obra mais tardia. O desejo de clareza ainda se faz manifesto. O processo de julgamento, elemento constante, do modo pelo qual o mundo é rerepresentado, permanece aberto. A ideia de se considerar a linguagem, os simbolismos e os meios de expressão como portadores de representações como (**Darstellungenn**), ou de figuras (**Bilder**), está longe de se afastar das vivências culturais nas décadas posteriores à publicação do *Tractatus*. A matriz que produziu os argumentos das *Investigações Filosóficas* permanece ética (implicada com os determinantes culturais sobre os quais se fundam os limites do

---

<sup>2</sup> A experiência cultural de Viena no final do século pode ser representada pelos termos Wahrheit, Reinheit, Echtheit, Aufrichtigkeit, Anständigkeit, Treue, assumidos por figuras como Trakl, Kraus, Schönberg, Klimt, Weininger e outros.

<sup>3</sup> Conforme K. Kraus. *Cette grande époque*. Paris: Petit Bibliothèque Rivages, 1990.P. 177.

<sup>4</sup> Conforme L. Wittgenstein no seu Diário em 6 de julho de 1916.

mundo), um convite para olhar o que simplesmente existe, motiva a eliminação daquilo que perturba ou impede um olhar imparcial sobre as coisas.

A afinidade entre os conteúdos das *Investigações* e a experiência cultural se ilustra pelas anotações compiladas por von Wright que organizou, depositando numa espécie de sementeira, certos aforismos dispersos, notas não pertencentes diretamente aos textos estruturados de Wittgenstein trazendo à luz o livro conhecido como *Cultura e Valor*<sup>5</sup>. Embora o compilador nos alerte que o sentido das notas só se abre diante do conjunto filosófico produzido pelo pensador vienense; entreter-se com o conteúdo de tais notas é, de certo modo, mergulhar nos recônditos da alma do filósofo, recônditos que geraram as *Investigações Filosóficas*. Estas notas são, por si mesmas, esclarecedoras do vínculo entre o filósofo e as preocupações culturais que marcaram a trajetória final de sua filosofia.

O que nos conduz em direção a um exercício de pensamento sobre Wittgenstein como “pensador da cultura” é a convicção de que a questão cultural se desenha como algo de fundamental no conjunto da obra. Desenha-se não num sentido explícito (uma de motivação interna), mas numa perspectiva implícita (motivação externa). Não se trata de considerar a opinião emitida pelo autor sobre, por exemplo, música, literatura, arquitetura, religião ou sobre outros autores, mas de tomar a cultura enquanto um componente que deve nascer do exercício próprio da filosofia que não pode mais atender aos anseios humanos de uma fundamentação ontológica, mas de trabalhar sobre o que é possível dizer da realidade enquanto fato existente, ou seja, passar dos fundamentos do mundo para a explicitação da linguagem.

Podemos afirmar que existe uma prioridade ética a perpassar as convicções do autor expressa tanto no *Tractatus* quanto nas *Investigações*. Mesmo sem ser expressa, a pergunta pelo sentido da vida está presente. Para Wittgenstein a perspectiva ética do mundo é o lugar para onde se dirige toda a formulação lógica. O que o autor pretende é, primeiramente, ter presente que a vida que merece ser vivida é a vida feliz. A felicidade é a única realidade que justifica o esforço do homem para viver honestamente. Nada poderia ser mais ilustrativo da preocupação cultural do autor do que este sinal de

---

<sup>5</sup> Conforme a tradução de *Vermischte Bemerkungen para Cultura e Valor* da tradução inglesa de *Culture and Value*.

implicação recíproca de uma obra e uma vida que se constroem sobre a égide do turbilhonamento cultural característico das primeiras décadas do século XX e que parece dissolver as grandes questões que sempre alimentaram o pensamento na dinâmica da linguagem.

### **Sobre a singularidade de uma perspectiva cultural: A contribuição das *Investigações Filosóficas***

No *Tractatus* parece estar presente a convicção de que toda a linguagem, ou cada sistema de descrição do universo é uma rede<sup>6</sup> que se lança sobre o mundo. Compreendemos o mundo por meio das aberturas que constituem a rede, mas a forma das aberturas depende de nossa decisão: são nossas convenções semânticas, nosso método de projeção, que determinam a forma de sua abertura. Toda linguagem deve, assinala o autor, ter proposições elementares, porém, quais são elas, é uma variável de cada linguagem. No entanto, isto não é suficiente para tirar do *Tractatus* a acusação de que seu modo de figurar a realidade ainda comporta o desejo de uma linguagem purificada, perfeita a comportar-se como estrutura ontológica do mundo com implicações que poderiam supor que o autor, por extensão, estaria pensando na possibilidade de uma cultura ainda com identidade universal, próxima do ideal transformado em projeto de progresso tal como se apresenta nos imperativos impostos pelo desejo de desenvolvimento presente no “projeto iluminista”.

A singularidade da teoria da linguagem defendida no *Tractatus* nos remete em última instância a uma pergunta fundamental, qual seja: como as proposições se relacionam com o mundo. A identidade desta questão fundante nos leva a concluir que o que está por detrás do *Tractatus* é uma maneira muito particular de considerar o homem. Cada indivíduo pode ser tomado como um exemplar padrão de uma humanidade invariante num constante enfrentamento com o mundo, não o mundo de todos mais o seu mundo. Esta individualidade parece estar presente também em autores da magnitude de Kant ou de Hume. Assim, embora consideremos avanços, no *Tractatus* ainda transparece o ideário de um mundo que imputa responsabilidade a um indivíduo

---

<sup>6</sup> Wittgenstein faz referência à metáfora de uma malha conforme T.L.P. 6.341.

que se vê diluído na “sociedade” pensada universalmente. É evidente que a força da “sociedade” não confere proximidade, não deixa transparecer os laços de pertença limita, assim, o fluxo da afetividade. Não existem os mundos, existe o mundo. Não existem os homens existe o homem. A especificidade da cultura onde se gestou o *Tractatus* parece fazer dele porta voz, ainda, da nostalgia que determinou a visão cultural tão própria dos modelos que agora parecem não mais responder aos anseios do homem numa sociedade plural e complexa como a que vivemos.

Esta posição parece ser revista pelo autor com a marcha dos acontecimentos de sua vida que o levaram a afastar-se da filosofia tão logo concluiu o *Tractatus*. A experiência no trabalho como professor no interior da Áustria, a retomada da atividade docente a partir de 1929 e o encaminhamento das suas atividades posteriores imprimem uma consciência que culminará com uma mudança significativa no sinal de pertença entre o modo de significar e a dinâmica cultural. Esta mudança passa a ser visualizada no modo como o autor concebe a linguagem na sua obra tardia, ou seja, nas *Investigações Filosóficas*.

Podemos tomar como elementos centrais das *Investigações* alguns conceitos que se mostram elucidativos para nosso propósito. Destacamos: a ênfase dispensada à linguagem ordinária, a noção de jogos de linguagem e o seguimento de regras, bem como à noção de formas de vida. Parece haver uma convicção partilhada de que estes conceitos se amalgamam sobre um pressuposto de natureza pragmática, onde o valor de verdade ou falsidade dos conceitos é conferido não mais pela busca de uma linguagem purificada, válida universalmente, mas pelo acordo partilhado por meio do uso que fazemos de nossas proposições discursivas.

Parece ser possível, então, tomar o conteúdo das *Investigações* como instigador de uma nova experiência do estar no mundo. O compartilhar de uma linguagem sem pretensões de coerência lógica, ou seja, de uma linguagem que traduz a dinâmica do dia-a-dia, elaborada não com o intuito de universalizar mas empenhada em fazer valer os sinais de afinidade estabelecem uma dinâmica de compartilhamento. A arquitetura emergente faz lembrar a coesão que existe não numa sociedade, mas numa comunidade.

A distinção permite tomar a “sociedade” como comportando a potencialidade de diluir o indivíduo enquanto que a “comunidade” confere ao indivíduo uma identidade

singular no exercício de compartilhamento da linguagem. É evidente que tal partilha não se efetiva sem algum tipo de razão; é partilha que se faz no mecanismo de um jogo que pressupõe a existência de regras. A regra não é dada a priori é, antes, produzida no ato de jogar. Mas os jogos todos se aproximam naquilo que os torna parecidos, naquilo que o autor chamou muito apropriadamente de “ares de família” o que torna compreensível a o conceito pouco explorado mas imprescindível de forma de vida.

A força da comunidade supera nas *Investigações* a força da sociedade que parece ilustrar o *Tractatus*. Isto tem que ser tomado sob o signo daquilo que o autor quer fazer notar quando enuncia a ideia de **unserer alltäglichen Sprache**, traduzida para o inglês por Ascombe como “**our everyday language**” que quando tomada com atenção deixa transparecer sua força na ideia de *aconchego* sentido no ambiente familiar. Não se trata, portanto, de vê-la - e a tentação é grande - somente como linguagem coloquial. Tomá-la nesta última acepção enfraqueceria o significado cultural que lhe é inerente e que fornece consistência ao modo próprio como o autor pretende seja empregada.

Há na tradição filosófica que remonta aos modernos e mais especificamente a Descartes um gesto de insistente desconfiança daquilo que é representado pela linguagem ordinária, não é possível para a tradição confiar o ideal da civilização ao falar do dia-a-dia, sinal de barbárie; é antes necessário que a linguagem seja retirada de seu estado diário e conduzida a um estado de rigor que espelhe a civilização alcançada pela determinação de uma razão autônoma capaz de superar a ignorância do que é simplório. Civilização parece não combinar com o que é familiar. Seria preciso, então, conduzir a linguagem para fora de seu âmbito familiar, seria preciso introduzi-la no panteão das realidades purificadas; esta é a utopia almejada pela razão instrumental.

Wittgenstein assume nas *Investigações Filosóficas* a tarefa de reconduzir a linguagem ao seu *locus familiar*. É aí, que acontece e se processa uma espécie de inversão nos padrões que edificaram a forma da civilização moderna e aqueles que estão conjugados para forjar uma civilização do homem de nossos dias. Esta inversão, por assim dizer, nos conduz da atitude que nos impelia a olhar para cima para aquela que nos faz olhar para o solo que sustenta nossos pés. Enquanto o elevar-se propugna um sair fora para pertencer o abaixar-se engendra um pertencer para sair fora. Não se trata, simplesmente de um jogo de palavras é antes o sinal de que é possível trazer o homem

de volta de seu exílio é isto que se ilustra quando lemos que a tarefa do filósofo é conduzir as palavras do seu emprego metafísico de volta ao seu emprego cotidiano.

Não é possível desconsiderar a força do cotidiano. Não podemos nos iludir atribuindo ao cotidiano um sentido de simplicidade vulgar. O cotidiano é a casa por oposição ao exílio. É claro que após experimentar o exílio tenhamos receio de estar em casa, de nos sentir de novo no lugar de onde nunca deveríamos ter saído. Mas como reconhecer a casa? Sempre estivemos exilados, sempre tivemos sede de um mundo que está para além de nosso território não por vontade própria, mas por pertencer a uma tradição que nos ensinou que éramos estrangeiros em nossa própria casa. O sentimento de que palavras parecem estar longe “fora de um determinado jogo”<sup>7</sup> de que elas devem ser reconduzidas marca indelévelmente o texto das *Investigações*. É ainda o filósofo quem faz a ilustração do exílio ao afirmar que: “um problema filosófico tem a forma: não consigo achar o meu caminho”<sup>8</sup>.

O reconhecimento do valor do ordinário, do cotidiano como lar nos devolve a circunstancialidade de nossos ambientes. O jogo reparte o mundo. Mas não se trata das partes do mundo, se trata, antes, do mundo das partes. Quando nos encontramos em casa descobrimos que adiante estão as outras casas, outros mundos distintos onde a regra não segue algum tipo de imperativo universal, mas se potencializa na particularidade de espaços acolhedores.

Talvez possamos afirmar que a maneira como Wittgenstein se refere a essa cotidianidade, devolvendo a linguagem ao seu lugar de proximidade e aconchego familiar, expresse em última instância, a ideia de um engajamento. Wittgenstein, nas *Investigações* parece querer apresentar um indivíduo engajado, um indivíduo pertencente; diferente do indivíduo que se apresenta desprendido, como que *pairando sobre* conforme forjado pelo ego cartesiano. Sabedores de que é o contexto de nossa forma de vida que confere o significado a nossas palavras nos pomos a combater a neutralidade pretensiosa tão característica de uma concepção que poderia ser classificada como individual por buscar o conhecimento tão somente no interior da mente do indivíduo. A ideia de pano de fundo oportunizada pelas formas de vida nos liberta desta espécie de cárcere privado.

---

<sup>7</sup> Conforme *Investigações Filosóficas* 47

<sup>8</sup> Conforme *Investigações Filosóficas* 123.

## Desafios: para um humanismo da cumplicidade

Partilhamos uma forma de vida. Eis o significado das linhas de um novo signo do pertencimento cultural a estabelecer nossas práticas e modos de relação. A forma de vida é o sinal da existência de uma prática e de um significado que não são meus, porém nossos e nossos de várias maneiras o que sugere uma intensidade do partilhar a viabilizar a coesão da comunidade. Assim, por exemplo, o filósofo alerta que a palavra “dor” adquire seu sentido nos entendimentos entre as pessoas mais do que num aprendizado contemplativo da experiência interior e isto, porque a linguagem com suas regras a determinar os diferentes modos de ser e estar no mundo, é o elemento primeiro e primordial de uma comunidade.

Não estamos no mundo de maneira neutra. A **lebensform** nos conduz na perspectiva de um relato do modo humano de vida, capaz de superar certas distorções em nossas práticas: práticas que são garantidas e impostas por nossas instituições hegemônicas marcadamente individualistas e adeptas da dissolução do homem no universo da sociedade. A força da comunidade, nuclear em *Investigações Filosóficas*, parece assumir para si a tarefa de um novo humanismo. Um humanismo a partir do Wittgenstein das *Investigações* constitui-se num desafio à ação hegemônica da razão instrumental (burocrática e técnica), que marcou nosso passado recente. Este não pode mais ser o tempo do um indivíduo, do ego solipsista e transcendental, mas o tempo de um indivíduo que se articula, que se torna cúmplice.

Nestes tempos de banimento das diferenças. Nestes tempos de combate aos discursos articulados do estranho. Nestes tempos de liquidação do que não é igual, a ideia de cumplicidade nascida no seio do pertencimento a uma forma de vida nos devolve ao nosso chão, resgata nossa diferença, nos conduz de volta a aquilo que é específico de nossa identidade. Retomemos a expressividade do texto usado como epígrafe: trabalhar no espírito de conjunto para que as forças não se tornem fragmentárias e o poder do indivíduo não seja consumido no anonimato de uma racionalidade autossuficiente.

## Referências

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus Lógico-Philosophicus**. São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações Filosóficas**. Petrópolis: Vozes, 1994.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Diário Filosófico (1914-1916)**. Barcelona: Ariel, 1982.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Cultura e Valor**. Biblioteca de Filosofia Contemporânea. Lisboa: Edições 70, 1980.

BARRET, Cyril. **Ética y creencia religiosa en Wittgenstein**. Madrid: Alianza Universidad, 1994.

BOUVERESSE, Jacques. **Le mythe de L'intériorité: expérience, signification et langage prive chez Wittgenstein**. Paris: Les Editions de Minuit, 1987.

DIAMOND, Cora. **The realistic spirit: Wittgenstein, philosophy, and the mind**. Oxford: The Mit Press, 1991.

HARDWICK, Charles. **Language learning in Wittgenstein's later philosophy**. Paris: Mouton the Hague, 1971.

KRAUS, K. **Cette grande époque**. Paris: Petite Bibliothèque Rivages, 1990.

PEARS, D. **As ideias de Wittgenstein**. São Paulo, SP: Cultrix-Edusp, 1973.

ZILHÃO, Antonio. **Linguagem da filosofia e filosofia da linguagem**. Lisboa: Colibri, 1993.

**Submissão: Ago. 2018**

**Aprovado: Dez. 2018**